

O CHARME DISCRETO DA BURGUESIA

Le Charme discret de la bourgeoisie

Um filme de Luis Buñuel

com Fernando Rey, Delphine Seyrig, Stéphane Audran, Jean-Pierre Cassel, Paul Frankeur,
Bulle Ogier, Julien Bertheau, Claude Piéplu, Michel Piccoli

França, 1972 — 1h42 | M/12

CÓPIA DIGITAL RESTAURADA

ÓSCARES 1973 - MELHOR FILME ESTRANGEIRO
PRÊMIOS BAFTA 1974 - MELHOR ARGUMENTO, LUIS BUÑUEL E JEAN-CLAUDE CARRIÈRE



Os Thévenot e um embaixador vão jantar a casa dos Sénechal, mas enganam-se na data do convite. Vão então a um restaurante, onde também não comem devido à morte súbita do dono. Os Sénechal reiteram o convite para jantar, mas uma súbita vontade de fazer amor obriga a que cheguem atrasados e falhem novamente a refeição. Pelo meio, diversos episódios sucedem: o sonho do sargento, o assassinio de um moribundo por um bispo, a interrupção por misteriosos intrusos ou gangsters. O humor do efeito de repetição acaba por se transformar num angustiante jogo de massacre. À altura da estreia, Robert Benayoun escreveu na Positif que “Buñuel é o único realizador no mundo de quem se pode dizer que cada novo filme é sempre o melhor”.

O CHARME DISCRETO DA BURGUESIA

Depois de *Tristana*, que infelizmente foi apresentado em França numa versão dobrada, voltei a trabalhar com Silberman, para não mais o deixar. Reencontrava Paris e o meu bairro de Montparnasse, o hotel de *l'Aiglon*, as minhas janelas com vista para o cemitério, os meus serões solitários em que eu próprio cozinhava quando estava em filmagens. O meu filho Jean-Louis vive em Paris com a família. Trabalhava frequentemente comigo.

A propósito de *El Ángel Exterminador*, já disse quanto me atraem as acções e as palavras que se repetem. Procurávamos um pretexto para uma acção repetitiva quando Silberman nos contou algo que lhe tinha acontecido recentemente. Ele tinha convidado uns amigos para um jantar em casa dele, uma terça-feira por exemplo, esqueceu-se de avisar a mulher e tinha marcado outro jantar nessa mesma terça-feira. Os convidados chegaram por volta das nove horas, com flores nos braços. Silberman não estava em casa. Deram com a mulher dele de roupão, não sabia de nada, já tinha jantado e estava pronta a ir para a cama.

Esta cena viria a ser a primeira do *Charme Discreto da Burguesia*. Bastava prosseguir, imaginar várias situações em que, sem forçar a verosimilhança em demasia, um grupo de amigos tenta jantar e não consegue. Foi um trabalho muito demorado. Escrevemos cinco versões diferentes do argumento. Havia que encontrar um equilíbrio adequado entre a realidade da situação, que devia ser lógica e quotidiana, e a acumulação de obstáculos inesperados, que não deviam parecer fantásticos ou extravagantes. O sonho veio em nosso auxílio, e até o sonho dentro do sonho. Por fim, fiquei particularmente satisfeito por poder dar a minha receita do dry-martini no filme.

Excelentes recordações da rodagem: como grande parte do filme tratava de comida, os actores, nomeadamente Stéphane Audran, traziam-nos ao *plateau* algo que saciasse a nossa fome e a nossa sede. Ganhámos o hábito de fazer uma pequena pausa durante a qual desaparecíamos durante dez minutos, por volta das cinco horas.

Foi a partir do *Charme Discreto*, filmado em Paris em 1972, que me habituei a trabalhar com um sistema de vídeo. Com aquela idade já não tinha a agilidade de outrora para corrigir os ensaios atrás da câmara. Ia portanto sentar-me diante de um visor que me dava exactamente a imagem que o operador de câmara tinha, eu acertava o enquadramento e as marcações dos actores sentado na minha cadeira. Esta técnica poupou-me muita energia e muito tempo.

Existe uma prática surrealista do título que consiste em encontrar uma palavra ou um conjunto de palavras inesperadas que dão uma visão nova de um quadro ou de um livro. Tentei por várias vezes aplicá-la ao cinema, em *Un Chien Andalou* e *L'Âge d'Or*, claro, mas também em *El Ángel Exterminador*.

Enquanto trabalhávamos no argumento não pensámos na burguesia. Na última noite — isto passava-se no Parador de Toledo, no dia em que morreu De Gaulle — decidimos arranjar um título. Um daqueles em que pensei, numa referência a *la Carmagnole*, dizia *A bas Lenine, ou la Vierge à l'écurie (Abaixo Lenine, ou a Virgem na Cavalariça)*. Outro, simplesmente: *O Charme da Burguesia*. Carrière fez notar que faltava um adjectivo e, entre mil, escolhemos discreto. Ficámos com a impressão que com aquele título, *O Charme Discreto da Burguesia*, o filme ganhava outra forma e quase outro conteúdo. Víamo-lo com outro olhar.

Um ano depois, quando o filme foi *nominated*, isto é, seleccionado para os Óscares em Hollywood, e quando já estávamos a trabalhar no projecto seguinte, quatro jornalistas

mexicanos que conhecia seguem o nosso rasto e vêm almoçar a El Paular. Durante a refeição, fazem-me perguntas, tomam notas. É claro que não perdem a oportunidade de perguntar:

— Don Luis, acha que vai ganhar o Óscar?

— Sim, estou convencido que sim, disse muito seriamente.

Já paguei os vinte e cinco mil dólares que me pediram. Os americanos têm defeitos, mas são homens de palavra.

Os mexicanos não vêm nisto qualquer maldade. Quatro dias depois os jornais mexicanos anunciam que eu comprei o Óscar por vinte e cinco mil dólares. Escândalo em Los Angeles, telex após telex. Silberman chega de Paris muito chateado e pergunta o que me deu. Respondo-lhe que se trata de uma brincadeira inocente.

Em seguida a situação acalma-se. Passam três semanas, o filme ganha o Óscar, permitindo-me assim repetir à minha volta:

— Os americanos têm defeitos, mas são homens de palavra.

Luis Buñuel, *O Meu Último Suspiro*, Ed. Fenda, Lisboa, 2006

Jean-Claude Carrière entrevistado por Benoît Gautier, *L'Express*, em 13 de Julho 2011 [excerto]

O Charme Discreto da Burguesia assemelha-se a um conto das Mil e Uma Noites, onde um intruso está a lançar constantemente uma história, mas ao mesmo tempo impede o bom desenrolar do jantar...

É verdade. Um dia Buñuel telefona-me por causa deste filme. E diz-me em pânico: “Jean-Claude, venha depressa. Não sei como fazer este filme! Sei compor um plano com três ou quatro personagens ou mesmo com grupos, como n’ *O Anjo Exterminador*. Mas n’ *O Charme Discreto da Burguesia*, as seis personagens são personagens principais. Se as meto todas juntas no enquadramento, afasto-me delas. Se passo de uma a outra em cada plano, acabo por fazer um “filme metralhadora”. Você, que é o rei da *découpage* (era assim que ele me apelidava), tem de me ajudar! Foi por isso que *O Charme Discreto da Burguesia* foi rodado de forma diferente, com longos planos-sequência que duram dois a três minutos. Quando acabámos a escrita do argumento, lançou-me, entre o meio-furioso, meio-gozão: “Bem, este filme vou filmá-lo à Renoir!”.

E a surdez de Buñuel, era um bocado fingida ou não?

Ah não, de todo. Acontecia que por vezes desligava o seu aparelho auditivo, mas era verdadeiramente surdo. Da mesma orelha que a minha sogra, aliás. Por isso, eu já sabia como orientar a minha voz, para que ele me ouvisse. E ele sabia ler nos meus lábios. Um dia, disse a um jornalista: se eu trabalho com o Jean-Claude Carrière é porque ele tem uma voz que compreendo, mesmo que só diga asneiras!” (risos) Durante as rodagens, usava um capacete que aumentava os sons e permitia-lhe ouvir os diálogos.